



GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andrea Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

O GT pretende colocar em diálogo pesquisas que reflitam sobre os modos indígenas de elaboração e significação de suas noções de identidades de gênero e sexuais diante de suas existências híbridas quando observamos as escalas de mobilidades/trânsitos de referentes morais e éticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais têm conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos ameríndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco não estão distantes de relações que envolvem distintos regimes de alteridade e relações de poder. Sob tais condições sempre plásticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares às considerações dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experiências indígenas relativas às problemáticas de gênero que atravessam as estruturas simbólicas e práticas coletivas. Entre estes processos a afiliação religiosa, idade, escolarização, relações com o sistema de saúde, mobilidades e migração, gestão dos territórios, são fatores transversais que intersectam elementos culturais, históricos e políticos que cominam nas cosmopolíticas efeitos conceituais, de tradução, manejo das diferenças e experimentações de vivências diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos indígenas sobre os domínios, relações e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

Do ponto de vista das mulheres: socialidade e agência femininas entre os/as Karo-Arara

Autoria: Júlia Otero dos Santos

A presente comunicação é uma reflexão inicial sobre o que poderia ser uma descrição do social a partir do ponto de vista das mulheres. A inspiração vem de Belaunde (2006), para quem os mitos de Lua sobre a menstruação podem ser entendidos como a perspectiva feminina sobre a teoria da aliança. Se em muitas etnografias e teorias é a relação entre os homens que funda a sociedade – vide, por exemplo, a sociedade de caçadores ganyakis concebida por Clastres em *O arco e o cesto* –, busco esboçar que socialidade poderia ser imaginada a partir da agência feminina. Tendo em mente que a distinção entre domínio doméstico e domínio político diz respeito a tipos distintos de ação e de engajamento em relações, e não a esferas mais ou menos sociais? (cf. Strathern 1988), a ideia é, de um lado, demonstrar como as capacidades agentivas (cf. McCallum 1999) das mulheres Karo-Arara, manifestas no cotidiano e em um ritual feminino, são imprescindíveis para a perpetuação do parentesco e para o agenciamento da alteridade (de espíritos e animais). De outro lado, busca-se compreender como uma recusa por parte de mulheres mais jovens de fazer um pai para seus filhos bem como transformações nas escolhas matrimoniais feitas por algumas mulheres, que optam por casar com brancos ou indígenas de outras etnias, são potencialmente perigosas para a reprodução do parentesco e geram incertezas, especialmente entre homens e mulheres mais velhos, quanto à continuidade social dos Karo-Arara



Realização:



Apoio:



Organização:

